

O GRANDE SUCESSOR



O Destino Divinamente Perfeito
do Brilhante Camarada **Kim Jong Un**

ANNA FIFIELD



ALTA CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2020

PARTE UM

O TREINAMENTO

CAP. DE AMOSTRA

CAPÍTULO 1

O COMEÇO

“O Majestoso Camarada Kim Jong Un, vindo dos céus e concebido pela Montanha Paektu.”

— *Rodong Sinmun*, 20 de dezembro de 2011

WONSAN É UM PARAÍSO NA TERRA. OU PELO MENOS NA COREIA DO Norte.

Em um país de montanhas irregulares e terreno rochoso, de temperaturas congelantes e inundações repentinas, a área da costa leste de Wonsan é um dos poucos pontos de beleza natural. Ela tem praias arenosas e um porto protegido salpicado de pequenas ilhas. Wonsan é o local em que o 0,1% mais rico da população norte-coreana passa seus verões. É, para eles, como Angra dos Reis ou Fernando de Noronha.

Eles nadam no mar ou relaxam nas piscinas em suas casas de veraneio com vista para o oceano. Sugam a deliciosa carne das patas cobertas de pelos dos premiados caranguejos-peludos-chineses locais e comem as ovas de dentro deles a colheradas. Dirigem-se ao Lago Sijung, onde acredita-se que a lama de 41°C alivie a fadiga e elimine as rugas, fazendo com que um pequeno grupo de elite se sinta instantaneamente renovado.

Essa área é especialmente amada pela maior das elites: a família Kim, que controla a Coreia do Norte há mais de sete décadas.

Foi lá que um jovem lutador anti-imperialista com o nome de guerra Kim Il Sung desembarcou quando voltou para a Coreia em 1945, depois que o Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial e expulso da península.

Foi lá que Kim Jong Il, com apenas 4 anos quando a guerra terminou, se escondeu enquanto seu pai tentava se tornar o líder da recém-criada Coreia do Norte. Essa metade da península receberia o apoio da União Soviética e da China comunistas, enquanto a metade sul seria apoiada pelos Estados Unidos democratas.

E foi lá que um pequeno menino chamado Kim Jong Un passou os longos e preguiçosos verões de sua infância, brincando nas praias e navegando nas ondas em um banana boat.

Quando nasceu, em 8 de janeiro de 1984 — um ano eternamente associado no mundo externo à opressão e distopia, graças ao romancista George Orwell —, o avô do menino já governava a República Popular Democrática da Coreia havia 36 anos. Ele era o Grande Líder, o Sol da Nação, o Sempre Vitorioso e Brilhante Comandante Kim Il Sung.

O pai do menino, um homem estranho obcecado por filmes e que estava prestes a fazer 42 anos, fora designado sucessor do regime, pronto para lhe conceder a honra duvidosa de se tornar a primeira dinastia comunista do mundo. Ele estava se preparando para se tornar o Querido Líder, o Glorioso General que Veio dos Céus, a Estrela Guia do Século XXI.

Ambos adoravam passar o tempo em Wonsan. E, além deles, também o menininho que um dia seguiria seus passos.

Ao crescer, ele viajava do leste de Pyongyang, ou ainda mais longe ao leste, de sua escola na Suíça, para passar os verões ali. Muito mais tarde, quando queria exibir seu parque de diversões particular, levava um jogador de basquete norte-americano excêntrico para andar de barco e fazer festas — muitas festas. Ainda mais tarde, um incorporador imobiliário norte-americano eleito presidente elogiaria as “belas praias” de Wonsan e descreveria o local como o lugar ideal para construir condomínios.

O regime Kim compartilhou a beleza natural de Wonsan com estrangeiros selecionados para propagar o mito de que a Coreia do Norte era um “paraíso socialista”. A cidade em si não era particularmente atraente. Wonsan foi totalmente destruída durante a campanha prolongada de bombardeios norte-americanos na Guerra da Coreia e foi reconstruída em um estilo soviético sem graça. Em

cima dos prédios de concreto cinzas no centro da cidade podíamos ver placas vermelhas exortando “Vida Longa ao Grande Líder e Camarada Kim Il Sung” e outdoors promovendo o totalitarismo a uma população que não tinha escolha a não ser aceitá-lo.

A imaculada praia branca em Songdowon sempre foi a principal atração. Durante toda a década de 1980, quando Kim Jong Un brincava na praia, Wonsan era um ponto de encontros comunistas. Em 1985, um acampamento de grupo escoteiro de lá atraiu crianças da União Soviética e do leste alemão, e a mídia estatal publicou fotos de crianças felizes vindas do outro lado do mundo para passar seus verões em Wonsan.¹

A realidade — mesmo naquela época em que a União Soviética ainda existia e apoiava seu estado cliente na Ásia — era muito diferente.

Quando Lee U Hong, um engenheiro agrônomo que morava no Japão mas era etnicamente coreano, chegou em Wonsan para lecionar na faculdade de agronomia em 1983, observou enquanto uma turma de jovens mulheres aprendia sobre uma famosa árvore chamada cipreste dourado. Lee achou que a turma era de alunas visitantes do ensino médio, mas eram universitárias — como estavam muito desnutridas, pareciam anos mais jovens.²

No ano seguinte, quando foi até a praia para procurar a famosa rosa mosqueta de Wonsan, não conseguiu encontrar nenhuma. Um morador local lhe disse que as crianças norte-coreanas estavam com tanta fome que as colheram para comer suas sementes.

Lee não viu nenhum dos métodos avançados de agricultura ou fazendas mecanizadas dos quais o governo e seus representantes gostavam de se gabar. Em vez disso, viu milhares de pessoas colhendo arroz e milho à mão.³

Mas o regime Kim tinha um mito a perpetuar. Quando as inundações causaram a devastação na Coreia do Sul em 1984, o norte enviou ajuda alimentar em navios que partiram do porto de Wonsan, a apenas 128km ao norte da Zona Desmilitarizada, uma zona-tampão de 4km de largura que divide a península desde o fim da Guerra Coreana em 1953.

Oito meses depois do nascimento de Kim Jong Un, mesmo enquanto os norte-coreanos sofriam com a escassez severa de alimentos, sacos com os dizeres “Bens de Socorro para as Vítimas das Inundações da Coreia do Sul” e com o símbolo da Cruz Vermelha norte-coreana eram enviados de Wonsan.

“Como se fosse o primeiro evento feliz em nossos quarenta anos de história da separação, o cais estava em fervorosa”, relatou em 1984 o jornal *Rodong Sinmun*, o porta-voz do dirigente Partido dos Trabalhadores da Coreia. “O amplo cais ecoava com despedidas alegres... O porto todo exalava amor pela família.”

É claro que Kim Jong Un não tinha ciência de nada disso. Ele levava uma vida abençoada e reclusa em um dos complexos da família em Pyongyang ou na residência com vista para o mar em Wonsan, onde a casa era tão grande que as crianças Kim andavam em um carrinho de golfe movido a bateria para poder se deslocar pela propriedade.⁴

Na década de 1990, enquanto as crianças norte-coreanas se alimentavam de sementes, Kim Jong Un degustava sushis e assistia a filmes de ação. Ele começava a desenvolver uma paixão pelo basquete e voava para Paris a fim de visitar a Euro Disney.

Ele viveu nos bastidores do regime mais secreto do mundo até 2009, quando completou 25 anos. Então, ao ser formalmente apresentado à elite norte-coreana como o sucessor de seu pai, sua primeira foto comemorativa foi tirada em Wonsan. Ela foi transmitida na rede de televisão nacional apenas uma ou duas vezes e era muito granulada, mas mostrava Kim Jong Un, vestindo uma túnica Mao preta, de pé debaixo de uma árvore com seu pai, seu irmão, sua irmã e dois outros homens.

Wonsan continuou como um local extremamente importante para Kim Jong Un. Depois de se tornar líder, talvez para recriar a diversão despreocupada de sua juventude, patrocinou a construção de um enorme parque de diversões em Wonsan. A cidade agora abriga um aquário com um túnel que passa pelos tanques de água, uma casa de espelhos e o Parque Aquático Songdowon, um complexo extenso com piscinas internas e externas. Há um toboágua com várias voltas que desemboca em uma série de piscinas redondas. É a reformulação de um paraíso socialista para a era de parques temáticos.

Kim Jong Un inspecionou a construção pouco tempo depois de se tornar o “Amado e Respeitado Líder Supremo” no final de 2011. Vestindo uma camisa branca de verão com um broche vermelho com os rostos de seu pai e seu avô posicionado do lado do coração, ele se inclinou sobre os toboáguas e examinou sua extensão. Abriu um largo sorriso e se declarou “muito satisfeito” de a Coreia do Norte ser capaz de construir um parque aquático sozinha.

Dos altos trampolins, as crianças podiam ver os guarda-sóis coloridos na praia e os pedalinhos na baía. O verão em Wonsan trazia a “visão incomum de estudantes em pé nas areias da praia com boias espaguete coloridas nos ombros, e avós sorridentes de mãos dadas com seus netos e netas que pulavam de um pé para o outro enquanto eles observavam o mar”, declarou a mídia estadual.

Essas instalações são para o proletariado. A realeza tinha outra só para ela.

O enorme complexo da família Kim inclui residências luxuosas à beira-mar para os membros da família bem como edículas espaçosas para visitantes, situadas a uma boa distância umas das outras e cercadas de árvores para garantir a privacidade. A discrição é essencial mesmo entre a elite. Há uma grande piscina interna no complexo e outras situadas em barcas que flutuam na praia, permitindo que os Kims nadem na água sem os perigos do mar aberto. Uma doca coberta abriga os iates da família e mais de uma dúzia de jet skis. Há também uma quadra de basquete e um heliporto. Não muito distante dali existe uma nova pista de pouso para que Kim Jong Un possa chegar ao resort com seu avião particular.

A família compartilha seu parque de diversões com outros membros da elite que os ajudam a se manter no poder. Lá, o Ministério de Proteção do Estado, a agência de segurança cruel que opera os campos de prisão política, tem um retiro de verão à beira-mar. O Escritório 39, o departamento encarregado de levantar fundos especificamente para os cofres da família Kim, também. Já que seu trabalho financiou esse parque, nada mais justo que eles também possam aproveitar os espólios.⁵

Uma característica incomum da costa de Wonsan — não encontrada em nenhuma Disneylândia ocidental, que se contenta com shows de fogos de artifícios muito mais inofensivos — são as bases de lançamentos de mísseis. Kim Jong Un lançou dezenas de foguetes da área de Wonsan desde que se tornou líder e supervisionou exercícios de artilharia de larga escala por lá.

Em certa ocasião, assistiu enquanto seus chefes de munição usavam novas armas de 300mm para reduzir uma ilha próxima a pó. Em outra, ele nem precisou sair do conforto de sua residência à beira-mar. Seus cientistas aeroespaciais simplesmente lançaram um míssil a partir de um lançador móvel posicionado em um ponto em frente à casa, e Kim sentou-se em sua mesa de frente para a janela, com um largo sorriso, enquanto assistia ao foguete subir pela atmosfera em direção ao Japão.

E foi ali, em sua praia particular, que Kim Jong Un conduziu um exercício de natação para os principais comandantes da marinha em 2014. Os homens, que pareciam ter idade para já estarem aposentados, tiraram seus uniformes brancos e chapéus e colocaram roupas de banho antes de correr para o mar e nadar quase 5km, como se estivessem em “um campo de guerra sem tiroteio”.

Foi uma visão e tanto. O novo líder, que acabara de fazer 30 anos, sentado em sua mesa na praia, assistindo com binóculos aos homens com o dobro de sua idade e metade do seu tamanho nadando pelo mar a seu comando. O homem sem experiência ou qualificações militares estava mostrando quem dava as ordens. E não havia melhor lugar para fazer isso do que em sua casa de praia em Wonsan.

A reivindicação da família Kim pela liderança da Coreia do Norte tem suas origens na década de 1930, quando Kim Il Sung fazia seu nome na Manchúria, região no norte da China, como lutador de guerrilha antijapones.

Kim Il Sung recebeu o nome Kim Song Ju ao nascer na periferia de Pyongyang em 15 de abril de 1912, no mesmo dia em que o *Titanic* naufragou depois de colidir com um iceberg. Na época, Pyongyang era um centro do cristianismo, tanto que era chamada de Jerusalém do Oriente. Ele nasceu em uma família protestante e um de seus avós era pastor.

O Japão Imperial havia anexado a Coreia, ainda um só país na época, dois anos antes de seu nascimento. Foi o início de uma ocupação cruel. Para escapar dos colonizadores japoneses, a família Kim fugiu na década de 1920 para a Manchúria. Essa área havia se tornado o centro da mobilização coreana contra a ocupação japonesa, e Kim — que adotou o nome Il Sung, com o significado “torne-se o sol”, no início da década de 1930 — surgiu como um líder anti-imperialista.

Em sua biografia oficial, Kim promoveu o poder das forças antijaponesas. “O inimigo nos comparou a ‘uma gota d’água no oceano’, mas nós tínhamos um oceano de pessoas com força inesgotável nos apoiando”, escreveu. “Podíamos derrotar o forte inimigo armado até os dentes... porque tínhamos uma poderosa fortaleza chamada ‘o povo’ e o infinito oceano chamado ‘as massas’.”⁶

A história oficial da Coreia do Norte exagera os esforços de Kim. Retrata-o como o coração da resistência em uma época em que ainda era subordinado a generais chineses e coreanos e afirma que o movimento de guerrilha teria ruído

sem ele. Embora fosse apenas um João-ninguém nas engrenagens da resistência, Kim até reivindicou o crédito pela derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Em determinado ponto, contrário à narrativa oficial, Kim Il Sung se mudou de sua base na Manchúria para a União Soviética com a mulher que, em 1940, tornou-se sua esposa, pelo menos em união estável. Kim Jong Suk provavelmente tinha apenas 15 anos e trabalhava como costureira quando Kim Il Sung a conheceu, em 1935.

Em 1942 — novamente, de acordo com a história oficial, mas na realidade era 1941 —, ela deu à luz o primeiro filho, Kim Jong Il, em um acampamento do exército próximo de Khabarovsk, no extremo leste da União Soviética.

Quando a guerra no Pacífico chegou ao fim em 1945 e a Coreia se libertou do Japão, o destino da península era incerto. Ela existia como um único país há quase quatorze séculos. Mas os Estados Unidos e a União Soviética, os vitoriosos da Guerra do Pacífico, decidiram dividir a península entre si — sem se preocupar em perguntar para os coreanos o que desejavam.

Um jovem coronel do exército dos EUA chamado Dean Rusk, que mais tarde se tornaria o secretário de estado do país, e outro oficial, o general de 4 estrelas Charles Bonesteel, encontraram um mapa da *National Geographic*. Simplesmente traçaram uma linha cortando a Península Coreana ao longo do paralelo 38, propondo uma solução temporária na qual os norte-americanos controlariam a metade sul da península e os soviéticos se encarregariam da metade norte. Para sua surpresa, Moscou concordou.

Essa solução “temporária” durou muito mais do que Rusk e Bonesteel previram ou planejaram. Ela foi consolidada na Zona Desmilitarizada depois da sangrenta Guerra Coreana de 1950 a 1953 e já dura seis décadas.

Os soviéticos precisavam colocar um líder em seu novo estado cliente, um território montanhoso que cobria cerca de 120.400km² de terra. O país tem o mesmo tamanho do Mississippi, e é um pouco menor do que a Inglaterra.

Kim Il Sung queria o emprego.

Enquanto esteve no acampamento próximo de Khabarovsk, impressionou seus benfeitores soviéticos o bastante para conseguir um cargo no novo regime norte-coreano. Mas os soviéticos ainda não o viam como líder da Coreia do Norte. Estavam desconfiados de suas ambições. Stalin não queria que Kim construísse sua base de poder independente das forças de ocupação soviéticas.⁷

Então houve pouca festa quando Kim Il Sung retornou à Coreia vestindo um uniforme militar soviético enquanto o navio da marinha, *Pugachyov*, atracava em Wonsan em 19 de setembro de 1945. Ele não recebeu permissão de se juntar às tropas soviéticas que expulsaram os ocupantes japoneses remanescentes e marcharam vitoriosas em Pyongyang.

O líder preferido por Moscou para seu novo estado cliente era um nacionalista chamado Cho Man Sik, um convertido presbiteriano de 62 anos que conduziu um movimento reformista não violento inspirado em Gandhi e Tolstói. Não era o ideal — os soviéticos suspeitavam de seus laços com os japoneses —, mas ele promovia o desenvolvimento educacional e econômico como forma de garantir um futuro brilhante e independente para a Coreia.⁸

Kim Il Sung não aceitava isso. Logo começou a se posicionar para o papel de líder da nova Coreia do Norte, um processo que envolveu, dentre outras coisas, servir seus patronos soviéticos com banquetes regados a álcool e lhes fornecer prostitutas.

Isso ajudou a melhorar a posição de Kim Il Sung aos olhos dos generais soviéticos. Menos de um mês depois de seu retorno, ele apareceu em um comício em Pyongyang e fez um discurso que os oficiais soviéticos escreveram para ele. Quando subiu ao palco, gritos de “Longa vida ao Comandante Kim Il Sung” ecoaram. O povo ouvira histórias impressionantes sobre esse notável líder da resistência e seus feitos ousados na Manchúria.

Mas o homem no palco não correspondia à imagem em suas mentes. Eles esperavam um veterano de cabelos brancos, alguém fascinante. Em vez disso, viram um homem que parecia muito mais novo do que os 33 anos que tinha vestindo um terno azul-marinho claramente emprestado, por ser apertado demais.

Para piorar as coisas, Kim Il Sung não tinha muita fluência no idioma coreano, pois passara 26 dos seus 33 anos em exílio. A pouca instrução que recebera foi em chinês. Ele tropeçou nas palavras do discurso pomposo que as forças de ocupação soviética escreveram para ele, cheio de terminologias comunistas estranhamente traduzidas para o coreano. Sabotando-se ainda mais, ele falava com “uma voz de pato”, como escreveria mais tarde o secretário de Cho.⁹

Um espectador disse que ele tinha “um corte de cabelo de um garçom chinês” ou que parecia “um entregador gordo de uma barraca de comida chinesa de bairro”. Outros o chamavam de fraude ou de fantoche soviético.¹⁰

Kim Il Sung foi um fiasco.

Mas teve um momento de sorte quando a equipe de Stalin descobriu que o pacifista Cho não era nem comunista nem frouxo. Ele começou a fazer exigências irritantes sobre governar o país como uma entidade independente. De repente, o medíocre Kim Il Sung parecia uma alternativa útil e complacente.

Logo Cho foi preso e desapareceu, e Moscou se conformou com o aspirante jovem ambicioso como o escolhido. Eles o promoveram por vários cargos até que a ocupação soviética finalmente chegou ao fim. A República Popular Democrática da Coreia foi fundada em 9 de setembro de 1948, e Kim Il Sung foi instaurado como líder.

Assim que foi nomeado, Kim começou um culto de personalidade tão penetrante que rapidamente faria Stalin parecer um amador. Dentro de um ano, Kim passou a atender pelo título de “o Grande Líder”. Estátuas suas começaram a ser erguidas e a história começou a ser reescrita.

O discurso fracassado de 1945 foi descrito em sua biografia oficial como um momento arrebatador. As pessoas “não conseguiam tirar os olhos de [sua] valente figura” e aplaudiram por “infinito amor e respeito por seu grande líder”.¹¹

Kim Il Sung também estabeleceu rapidamente o Exército Popular da Coreia, liderado por colegas veteranos da luta antijaponesa. Formulou um plano para assumir o controle da Coreia do Sul e, em uma reunião em Moscou em março de 1949, tentou convencer Stalin a apoiar uma invasão militar com a reunificação em mente. Stalin recusou — não queria começar uma guerra contra os nuclearmente armados Estados Unidos — e disse a Kim que o Norte só responderia se fosse atacado.

Mas Kim e seus generais assistiram invejosamente enquanto os comunistas chineses expulsaram o líder nacionalista Chiang Kai-shek e seu partido Kuomintang mais tarde, em 1949. Ele continuou a atormentar Stalin em relação a tentar conquistar o Sul, especialmente depois que os Estados Unidos retiraram todas as suas tropas de combate da Coreia do Sul naquele ano, deixando a metade inferior da península vulnerável.

Um ano depois que Kim Il Sung começou a argumentar a favor da guerra, Stalin cedeu e, teoricamente, aprovou a invasão — contanto que Mao Zedong na China também concordasse. Kim foi a Beijing em maio de 1950 e tentou convencer Mao, mas o líder chinês estava mais preocupado com Chiang e seus nacionalistas em Taiwan. Por fim, convenceu-se da ideia depois que Stalin o pressionou.¹²

Kim Il Sung aproveitou a oportunidade. Nas primeiras horas de 25 de junho de 1950, soldados do Exército Popular da Coreia atravessaram a linha de demarcação militar com 150 tanques T-34 soviéticos para o Sul. Sete divisões do exército retumbaram em direção a Seul, seguidas pelas tropas norte-coreanas a pé.

Os norte-coreanos tomaram todo o país, exceto por uma área próxima da cidade de Busan, no sul. Parecia que seria uma vitória fácil.

O General Douglas MacArthur, o comandante do exército norte-americano no Japão, foi pego de surpresa, mas reagiu rapidamente. Suas tropas desembarcaram nos terrenos alagadiços de Incheon, a oeste de Seul, em setembro e fizeram o exército do norte recuar. A China, sentindo que as coisas haviam tomado outro rumo, enviou tropas para ajudar a Coreia do Norte.

Depois de seis meses, o exército do norte tinha voltado ao início, no paralelo 38. Nos dois anos e meio seguintes, ambos os lados ficaram empacados, incapazes de avançar.

Não foi porque os Estados Unidos não tentaram o suficiente quebrar o impasse. Apenas cinco anos antes, depois da devastação incomensurável de Hiroshima e Nagasaki, MacArthur, com toda a seriedade, levantou a hipótese de soltar uma bomba nuclear na Coreia do Norte.

A alternativa nuclear foi rapidamente descartada. Mas os Estados Unidos optaram por uma abordagem literal de terra arrasada com bombas convencionais, soltando 635 mil toneladas delas na metade nortenha da península, mais do que as 503 mil toneladas usadas em toda a cena do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial.¹³ Isso incluía as 200 mil bombas soltas em Pyongyang — uma para cada cidadão da capital.

Curtis LeMay, o chefe do comando aéreo estratégico dos Estados Unidos disse que eles “queimaram todas as cidades da Coreia do Norte”. Depois de ficar sem alvos urbanos, os bombardeiros norte-americanos destruíram hidroelétricas e represas de irrigação, inundando terras cultivadas e destruindo plantações. A força aérea reclamou que não tinha mais o que bombardear.¹⁴ Uma avaliação soviética depois da guerra revelou que 85% de todas as estruturas do norte haviam sido destruídas.

De acordo com os historiadores, no fim da guerra, quase 3 milhões de coreanos — 10% da população da península — foram mortos, feridos ou estavam desaparecidos. LeMay estimou que cerca de 2 milhões dos mortos eram

do Norte.¹⁵ Mais ou menos 37 mil soldados norte-americanos foram mortos durante as batalhas.

Depois de toda essa destruição e muito tempo depois de ficar claro que nem o Norte apoiado pelos chineses e soviéticos nem o Sul com apoio norte-americano venceria completamente, os dois lados concordaram em um armistício. Em 27 de julho de 1953 as batalhas cessaram. Mas, como o tratado de paz nunca foi assinado, a guerra nunca acabou oficialmente.

No Norte, o regime de Kim Il Sung culpava uma invasão ao Sul apoiada pelos Estados Unidos pelo conflito, uma mentira que é propagada na Coreia do Norte até hoje. O regime se proclamava o vencedor.

A Coreia do Norte se refere ao conflito como a Guerra da Libertação da Pátria Vitoriosa. Existe um museu dedicado a ela em Pyongyang, onde os destroços de aviões de guerra norte-americanos capturados estão perfeitamente preservados. Parte de um esforço para manter vivas as memórias dessa guerra feroz, um modo de manter a população em alerta perpétuo, de fazer os cidadãos se unirem em torno da família Kim.

Imediatamente depois da guerra, Kim Il Sung consolidou sua liderança do país destruído supervisionando o gigantesco programa de reconstrução financiado pelos aliados da Coreia do Norte. Também expurgou vários líderes militares seniores e autoridades do Partido dos Trabalhadores, a quem atribuiu culpa pela destruição de propriedade e vida, e extinguiu facções rivais.

Enquanto isso, propagandistas aceleraram seus esforços para fortalecer a admiração em relação a ele. Os oficiais soviéticos — bem familiarizados com cultos de personalidade — começaram a expressar preocupação sobre a maneira com que Kim Il Sung estava forçando o povo norte-coreano a reverenciá-lo.

Em um telegrama soviético de 1955, oficiais alocados na Coreia do Norte observaram que havia “uma atmosfera insalubre de sicofantia e servidão em relação a Kim Il Sung” entre os oficiais seniores do Partido dos Trabalhadores.¹⁶ A essa altura, até mesmo a União Soviética estava deixando de lado esse tipo de idolatria. Stalin morrera e Nikita Khrushchev fizera discretamente um discurso denunciando a adoração que seu predecessor encorajava.

O novo líder também começou a mostrar que não era nenhum fantoche chinês ou soviético. Passou a se posicionar como um grande pensador que liderava uma nação independente e não alinhada.¹⁷

Adotou um conceito falso chamado *juche*, que se pronuncia “ju-chii” e normalmente é traduzido como “autossuficiência”.

A ideia principal defendia que a Coreia do Norte era totalmente autossuficiente e que suas façanhas tinham sido realizadas “por nossa própria nação”, convenientemente desconsiderando a total dependência do estado de seus benfeitores comunistas. Mas, por outro lado, a Coreia do Norte alcançara um nível de autarquia, criando políticas estrangeiras e de defesa relativamente independentes.

Juche foi consagrada como política na Constituição na década de 1970. Mas o estudioso Brian Myers gosta de destacar que essa ideia é tão sem fundamento que a entrada para a Torre Juche, um monumento de Pyongyang, em uma enciclopédia norte-coreana, é duas vezes maior do que a entrada para a própria ideologia.

Ainda assim, a economia do país permaneceu maior do que a da Coreia do Sul até meados da década de 1970. Isso ocorreu em parte porque o Norte tinha todos os recursos naturais, então tudo o que Kim Il Sung precisou fazer foi reconstruir a indústria pesada e o setor de mineração que haviam sido desenvolvidos pelos ocupantes japoneses. Além disso, ele tinha as provisões que a União Soviética fornecia para seus estados clientes e os benefícios da mobilização trabalhista no estilo socialista. A Coreia do Sul teve que recomeçar do zero depois da guerra.

Já com seus 60 anos, Kim Il Sung começava a pensar em seu legado — e em como garantir a sobrevivência da ditadura que ele estabeleceu. Enquanto a União Soviética e a China estavam usando sistemas do Partido Comunista para exaltar novos líderes, Kim Il Sung queria manter a liderança na família. Ele brincou sobre passar a coroa para seu irmão mais novo. Para a tristeza de alguns, acabou decidindo que seu filho mais velho seria seu sucessor.

Mas, primeiro, o sistema precisava de alguns ajustes.

A edição de 1970 do *Dictionary of Political Terminologies* [Dicionário de Terminologias Políticas, em tradução livre] afirma que a sucessão hereditária é “um costume reacionário de sociedades exploradoras”. Isso foi sorrateiramente retirado das edições seguintes.¹⁸ A mídia estadual passou a se referir ao “Centro do Partido”, uma frase usada para fazer referência indireta às atividades de Kim Jong Il sem citar explicitamente seu nome, e Kim Jong Il começou a ser promovido na hierarquia do Partido dos Trabalhadores.

Os aliados do Norte compreenderam rapidamente os planos de Kim Il Sung. O embaixador da Alemanha Oriental em Pyongyang mandou um telegrama para o ministro de relações exteriores em 1974 dizendo que os norte-coreanos estavam sendo solicitados a “jurar lealdade a Kim Jong Il” em reuniões do Partido dos Trabalhadores por todo o país “caso algo grave acontecesse a Kim Il Sung”. Retratos de Kim Jong Il começaram a aparecer nas paredes das secretarias do governo, junto a slogans de declarações que ele fizera sobre a reunificação ou a construção socialista, disse o embaixador.

Publicações oficiais começaram a retratar Kim Il Sung como uma figura paternal benevolente. Fotos e pinturas representavam-no cobrindo o feliz povo norte-coreano de afeto ou sorrindo com crianças. Essa fachada de imperador gentil voltaria mais ou menos cinquenta anos depois, quando Kim Jong Un incorporaria seu avô e adotaria a mesma persona de ditador sorridente.

A primeira esposa de Kim Il Sung e seu filho mais velho ganharam destaque pela primeira vez, formando uma santíssima trindade norte-coreana. Algumas fotos mostravam Kim Jong Il orientando propagandistas e produtores de filmes. “Ele já exhibe a pose geralmente reservada para Kim Il Sung em seus discursos com cidadãos da RPDC”, escreveu o embaixador. “Essa observação visual confirma, de fato, a suposição que fizemos anteriormente: o filho mais velho de Kim Il Sung está sendo sistematicamente preparado para se tornar seu sucessor.”¹⁹

No sexto Congresso do Partido dos Trabalhadores em Pyongyang, em 1980, tudo foi oficializado. O jovem Kim foi promovido a cargos superiores nos três principais órgãos do Partido dos Trabalhadores de uma só vez — o Politburo Presidium, a Comissão Militar Central e o secretariado do partido. Apenas Kim Il Sung e Kim Jong Il haviam obtido a liderança simultânea dos três principais órgãos do Partido dos Trabalhadores.²⁰

Ao apresentar Kim Jong Il como o sucessor escolhido, Kim Il Sung disse que seu filho garantiria a continuação da tarefa revolucionária “geração após geração”.

Kim Jong Il assumiu cada vez mais responsabilidades dentro do partido e acompanhou seu pai em suas viagens de “orientação em campo” pelo país — a prática em que os supostamente benévolos e oniscientes líderes da Coreia do Norte apareciam de surpresa e instruíam os fazendeiros sobre como melhorar suas plantações ou os gerentes de fábrica sobre como melhor produzir aço. As fotos mostram os receptores desse conhecimento anotando tudo diligentemente em caderninhos.

Em 1983, Kim Jong Il fez sua primeira viagem ao exterior sem seu pai, uma visita a fábricas na China emergente. A visita, uma de várias que o Querido Líder realizou ao longo dos anos, foi parte dos esforços de Beijing de encorajar a Coreia do Norte a embarcar em uma jornada de transformação econômica sem a democratização, como a China tinha feito.

“Por meio de incansáveis atividades revolucionárias no decorrer de trinta anos, ele deu lugar a uma nova era de prosperidade”, de acordo com a história oficial norte-coreana da vida de Kim Jong Il que foi publicada logo depois que ele se tornou líder.²¹

Mas o lacônico Kim Jong Il dificilmente poderia ter sido mais diferente de seu extrovertido pai. Kim Il Sung foi idolatrado como um destemido lutador de guerrilha que liderou o ataque contra os japoneses imperialistas. Kim Jong Il quase não tinha experiência militar. Era um mauricinho com um penteado bufante que bebia muito e adorava filmes, cuja principal contribuição ao estado eram os filmes que dirigia.

Mesmo assim, em 1991, foi declarado Comandante Supremo do Exército Popular da Coreia. Não foi uma época muito favorável para firmar a sucessão. O Muro de Berlim acabara de ser derrubado. A União Soviética ruiu apenas dois dias depois de sua promoção. O Bloco Comunista que apoiara o regime norte-coreano, tanto econômica quanto ideologicamente, já não existia mais.

Para sustentar o ponto da sucessão hereditária nessas circunstâncias desafiadoras, o regime criou uma história fantástica sobre as origens de Kim Jong Il fortemente baseada na mitologia coreana e no cristianismo. Ele não seria o líder simplesmente porque tinha sido nomeado por seu pai, mas porque era seu direito divino.

Seu local de nascimento não era mais o acampamento de guerrilha em Khabarovsk mas sim a Montanha Paektu, o vulcão na fronteira da Coreia do Norte com a China que tem um status lendário na cultura coreana. Acredita-se ser o local de nascimento de Tangun, o místico pai do povo coreano que era metade urso e metade deus. A criatura conferiu uma origem divina ao povo coreano e, graças a sua história, Kim Jong Il também parecia ter vindo dos céus.

Os propagandistas da Coreia do Norte não pararam por aí. Disseram que Kim Jong Il nasceu em uma cabana de madeira e que uma única estrela brilhante cintilava no momento de seu nascimento. Eles se contiveram pouco antes de transformar a cabana em uma manjedoura e sua mãe em uma virgem. Mas,

além disso, acrescentaram que um arco-íris duplo apareceu espontaneamente sobre a montanha. E assim foi criado o mito da sagrada linhagem de Paektu.

Kim Jong Il estivera muito ocupado perpetuando essa linhagem de Paektu no decorrer das duas décadas anteriores. Ele acumulou um belo elenco de esposas e consortes — e filhos.

Primeiro, em 1966, Kim Jong Il se casou com uma mulher com a ascendência revolucionária apropriada escolhida por seu pai. Supostamente tiveram uma filha em 1968. Mas o casamento não durou e eles se divorciaram em 1969. Ainda assim, ela manteve seu status nos anos seguintes, trabalhando por quinze anos na Assembleia Popular Suprema e, depois, como diretora da faculdade de educação principal por quase vinte anos, participando, assim, da era de Kim Jong Un.

Em seguida, Kim Jong Il se relacionou com uma famosa atriz chamada Song Hye Rim, com quem foi visto enquanto dirigia alguns filmes. Ela era mais velha do que ele, casada e tinha pelo menos um filho na época, mas ele insistiu que ela se divorciasse para que ficassem juntos. Ele a colocou em uma de suas mansões em Pyongyang, e, em 1971, ela deu à luz o filho Kim Jong Nam. Kim Jong Il ficou encantado. Na Coreia confuciana profundamente tradicional, os homens são considerados herdeiros que carregam o nome e a linhagem da família. Mas tanto o relacionamento quanto o filho bastardo foram mantidos em segredo de Kim Il Sung até mais ou menos 1975.

Quando essa criança, Kim Jong Nam, tinha apenas 3 anos, o Grande Líder falou para Kim Jong Il que ele precisava se casar novamente. Incapaz de revelar a existência de sua amante e filho, ele seguiu as ordens de seu pai e se casou com a mulher que foi considerada a única esposa “oficial”. Eles tiveram duas filhas.

Pouco tempo depois uma bela jovem dançarina chamada Ko Yong Hui, etnicamente coreana, mas nascida no Japão, chamou a atenção de Kim Jong Il. Eles tiveram três filhos: dois meninos chamados, Jong Chol e Jong Un, nascidos em 1981 e 1984, respectivamente, seguidos por uma menina chamada Yo Jong, nascida em 1988.

Houve certas discussões sobre o verdadeiro ano de nascimento de Kim Jong Un, com fontes dizendo que foi 1983. Alguns sugeriam que a data de nascimento oficial tinha sido mudada para 1982 a fim de fornecer simetria com seu avô, nascido em 1912, e seu pai, cuja data de nascimento foi oficialmente mudada de 1941 para 1942.

Mas a tia de Kim Jong Un, Ko Yong Suk, riu quando perguntei a data de nascimento de seu sobrinho. Fazia quase duas décadas desde a última vez que visitara o regime norte-coreano, mas ela tinha certeza de que Kim Jong Un nasceria em 1984. Ela havia dado à luz seu próprio filho no mês anterior, e trocava as fraldas de ambos ao mesmo tempo.

A tia cuidava de todas as crianças. Sua irmã, a concubina de Kim Jong Il, estava ocupada cuidando do próximo líder designado da Coreia do Norte enquanto ele seguia seu caminho pela série de cargos militares e do Partido dos Trabalhadores.

Ko e seu marido moravam em Pyongyang em um complexo de várias casas — incluindo uma para eles e uma para Kim Jong Il — cercado por um muro externo bem protegido e com outro muro em volta da casa de Kim Jong Il, que era enorme, com um cinema particular e uma grande sala de brinquedos para as crianças.

Apesar dos arredores luxuosos, as crianças levavam uma vida relativamente isolada. Elas brincavam com seus primos ou ficavam com o pai, quando ele estava em casa no complexo.

Não havia outras crianças por perto. Kim Jong Il, extremamente paranoico, mantinha suas famílias separadas umas das outras, o que significa que seus filhos cresceram sem conhecer seus meio-irmãos ou qualquer outra criança de sua idade. Mesmo quando os enviou para estudar na Suíça, ele os manteve separados: Jong Nam foi para Genebra enquanto os outros três foram para Bern.

Ao mesmo tempo, Kim Jong Il continuou operando o departamento de propaganda e agitação, dirigiu filmes e escreveu seis óperas, de acordo com sua biografia oficial. Seguiu aparecendo ao lado de seu pai, distribuindo conselhos sobre tudo, desde métodos agrícolas até táticas militares durante suas sessões de orientação em campo.

E, então, chegou o dia para o qual toda essa preparação ocorrera: em 8 de julho de 1994, Kim Il Sung morreu depois de sofrer um infarto fulminante. Sua morte foi mantida em segredo durante 34 horas enquanto o regime fazia os arranjos finais para confirmar a sucessão.²² E a Rádio Pyongyang fez o anúncio: “O Grande Coração parou de bater.”

Em uma declaração de sete páginas, a Agência Central de Notícias da Coreia afirmou que Kim seria lembrado como um homem capaz de “criar algo a partir do zero... Ele transformou nosso país, onde o atraso e a pobreza de longa

data predominavam, em uma poderosa nação socialista, independente, autossustentável e autossuficiente”.²³

Apesar de o regime estar se preparando para esse momento há 25 anos, a morte de Kim Il Sung foi um evento chocante. O sistema criado acerca de um culto de personalidade perdera sua personalidade. Agora precisaria fazer o que nenhum regime comunista fizera antes: passar a liderança de pai para filho.

Kim Jong Il embarcou em um período de luto de três anos, não porque fora acometido por um grande pesar, mas porque havia herdado uma catástrofe e estava ansioso para se esquivar da responsabilização.

Uma fome devastadora começava a assolar o país como resultado de décadas de má administração do regime Kim. Durante a Guerra Fria, não houve muito incentivo para encorajar a produção de alimentos no solo inóspito da Coreia do Norte pois a União Soviética e a China enviavam suprimentos alimentícios. Quando os envios cessaram, o país precisou se virar sozinho, mas não possuía terra arável suficiente e não tinha energia o bastante para produzir o fertilizante químico necessário para impulsionar as plantações.

Essa catástrofe política coincidiu com uma série de desastres naturais: inundações e secas em meados da década de 1990 que acabaram com a pouca quantidade de alimento que o país conseguia produzir. Ninguém sabe exatamente quantas pessoas morreram naquela época. Alguns especialistas dizem que foi de meio a 1 milhão; outros dizem que podem ter chegado a 2 milhões.

Houve uma explosão no número de moradores de rua cujos pais morreram ou os abandonaram durante esse período. Eles eram peculiarmente chamados de “andorinhas das flores”, como se saíssem por aí procurando néctar. Na verdade, estavam se virando sozinhos roubando tudo, desde tampas de bueiros até pedaços de arame.

Muitos dos que sobreviveram eram esqueletos que catavam grãos de milho em esterco de vaca e comiam ratos para sobreviver. Alguns fizeram coisas inescrupulosas, incluindo recorrer ao canibalismo, para sobreviver ao período conhecido eufemisticamente na Coreia do Norte como “a marcha árdua”. Esse foi o nome dado para a luta de Kim Il Sung na Manchúria, e foi ressuscitado durante a fome para criar um senso de que era outra batalha épica para a nação.

A fome afrouxou o cerco do regime sobre a população como nenhum outro evento fizera antes. As rações alimentares pararam de ser distribuídas; o povo passou a contar apenas consigo mesmo. Os cidadãos de um estado comunista

se tornaram quase capitalistas por necessidade — e as autoridades tiveram que tolerar, porque sabiam que o estado não tinha nada a oferecer.

Pak Hyon Yong, um jovem que morava em Hamhung, ao norte de Wonsan, na época da fome viu seu irmão mais novo morrer de inanição. Depois, os filhos da sua irmã mais velha. E então ela. Percebendo que seria o próximo, Pak começou a fazer macarrão com “arroz de milho”, um mísero substituto de primeira necessidade da Coreia do Norte que envolvia grãos de “arroz” feitos a partir de grãos de milho secos. Ele comia um pouco e vendia o resto, usando o ínfimo lucro para comprar mais arroz de milho para a porção do dia seguinte.

“A polícia aparecia e tentava me persuadir a não vender o macarrão, dizendo que eu não deveria sucumbir ao capitalismo e que o Querido Líder resolveria nossa escassez de alimentos”, contou-me Pak na cidade de Yanji, no norte da China, onde vivia escondido depois de ter escapado da Coreia do Norte.²⁴ Mas o Querido Líder não fez nada disso.

A fome na Coreia do Norte coincidiu quase exatamente com a ascensão de Kim Jong Il ao poder, associando-o para sempre com uma época de dificuldade extrema. Até hoje, as pessoas que escaparam do país tendem a lembrar carinhosamente de Kim Il Sung e recordam uma época em que a Coreia do Norte era realmente forte e próspera e não apenas na versão dos eventos da mídia estatal.

Kim Jong Il não recebia o mesmo tipo de amor. Os norte-coreanos se perguntavam: *se ele se preocupa tanto conosco, por que estamos morrendo de fome?*

Depois que a fome acabou e a Coreia do Norte voltou a um estado de fome meramente incômoda e má nutrição, Kim Jong Il começou a concentrar suas energias no exército. Fomentou uma política de “exército em primeiro lugar” e promoveu-o à primeira posição dentro da hierarquia do regime. O Partido dos Trabalhadores da Coreia, o braço político do regime, adotou o slogan “O Exército é o Partido, o Povo e a Nação”.²⁵ Para um regime falido com a intenção de fortalecer seu exército, nenhuma arma oferece melhor relação custo-benefício do que uma bomba nuclear. O regime esteve canalizando todas as suas energias e recursos em um programa nuclear secreto ao longo dos anos. Então, Kim Jong Il o revelou quando seu regime conduziu seu primeiro teste nuclear em 2006.

A essa altura, o líder, com 64 anos, havia começado a parecer notavelmente mal. Para quem fora cheinho, seu rosto estava abatido e sua pele, pálida. Em meados de agosto de 2008, sofreu um derrame.

Ele se recuperou, mas quando finalmente reapareceu em público, parecia ter diminuído. Parecia menor e mais magro e estar com certa paralisia do lado esquerdo, que afetava sua perna e o uso do braço esquerdo.

Surgiram especulações sobre quem sucederia o Querido Líder.

De acordo com as regras da hierarquia coreana tradicional, deveria ser o filho mais velho, Kim Jong Nam.

Ao longo dos anos, muitas pessoas afirmaram que o Primogênito perdeu a coroa devido a um incidente vergonhoso ocorrido em 2001.

Naquele ano, Kim Jong Nam foi pego em um aeroporto de Tóquio entrando escondido no Japão com um passaporte falso da República Dominicana com o nome de Pang Xiong — “Urso Gordo” em chinês. Kim Jong Nam, que estava com sua esposa e filho, justificou às autoridades japonesas que estava apenas tentando levar sua família à Disneylândia de Tóquio. Depois disso, foi exilado em Macau, um território chinês próximo de Hong Kong, e permaneceu lá pelo resto de sua vida. Nunca ficou claro se o exílio foi forçado ou voluntário.

Na verdade, ele tinha perdido a popularidade muitos anos antes.

A questão da sucessão tinha muito mais a ver com as ambições das mães do que a adequação dos filhos.

A mãe de Kim Jong Nam morava em Moscou desde mais ou menos 1974, quando Kim Jong Il se “casou” outra vez. Quando ela voltou de fato para Pyongyang, por vezes era temperamental, sofrendo de enxaquecas ou episódios de inconstância que deixavam a casa inteira de mau humor. Além disso, fora criada para ter ambições e uma carreira e não ser uma dona de casa tradicional. O papel de esposa submissa e diligente foi um que a atriz nunca conseguiu aceitar desempenhar.

A mãe de Kim Jong Un, por outro lado, tornou-se uma presença constante na vida de Kim Jong Il. Como sua consorte favorita, ela plantou as sementes da mudança dos bastidores. Sua influência passou a ser vista em tudo, por exemplo quando os desenhos do *Pato Donald* e do *Tom e Jerry* repentinamente apareceram na TV dublados em coreano, mais ou menos na época em que seus filhos os assistiriam.²⁶

Por volta da mesma época, Kim Jong Il teve um ataque de raiva quando descobriu que Kim Jong Nam, que na época tinha cerca de 20 anos, estava saindo e bebendo em Pyongyang. Por desobedecer a suas ordens, Kim Jong

Il deixou toda a família de Kim Jong Nam em prisão domiciliar por um mês, cortando seus suprimentos alimentares e fazendo-os limpar tudo sozinhos. Até ameaçou enviá-los para trabalhar nas minas nos campos de trabalho onde os prisioneiros políticos eram mantidos.

Além disso, Kim Jong Nam foi considerado ilegítimo, pois sua mãe fora casada anteriormente e tinha pelo menos um filho com esse outro homem.

A prima de Kim Jong Nam, que vivia com ele, viu “o dedo da outra mulher” em tudo isso. Ela achava que a mãe de Kim Jong Un estava armando toda a situação, encorajando Kim Jong Il a dar mais liberdade para seu filho mais velho — e então dedurando o jovem quando ele aproveitava sua liberdade.²⁷

Também havia especulações em Seul, uma capital em perpétuo burburinho de teorias sobre a Coreia do Norte, de que a mãe ambiciosa e calculista de Kim Jong Un havia vazado propositalmente o cronograma de viagem de Kim Jong Nam para as autoridades japonesas a fim de que fosse pego e descredibilizado.²⁸

Isso colocaria seu filho como sucessor, contanto que alguns fatos inconvenientes fossem ignorados: ela também não se casara legalmente com Kim Jong Il, o que tecnicamente tornaria seus filhos ilegítimos; ela nascera no Japão, o país dos “agressores imperialistas”; e sua irmã havia desertado.

Seu filho mais velho, Kim Jong Chol, era quieto e introvertido, de acordo com seus colegas na Suíça. Kenjo Fujimoto, o chef de sushi japonês que passou anos cortando peixe para a família real, disse que Kim Jong Chol nunca mostrou ambição alguma. De qualquer forma, parecia ter algum tipo de desequilíbrio hormonal que fazia com que seu pai pensasse que ele era “como uma menininha” e inadequado para a liderança.²⁹

Fujimoto declarou que Kim Jong Il ungiu seu terceiro filho, Kim Jong Un, como seu sucessor. E ele estava certo.